



### FOLHA DE S.PAULO



## Farmacêuticas brasileiras buscam na Índia tecnologia para canetas emagrecedoras

Objetivo é dominar processo de produção para reduzir o preço no país; governo Lula busca diminuir déficit de insumos farmacêuticos

### FOLHA DE S.PAULO



## Farmacêuticas brasileiras buscam na Índia tecnologia para canetas emagrecedoras

**Objetivo é dominar processo de produção para reduzir o preço no país; governo Lula busca diminuir déficit de insumos farmacêuticos**

Victoria Damasceno

01/03/2026



Fábrica da Biommm em Nova Lima (MG), que produz insulina análoga para tratamento de diabetes. Divulgação Biommm

**Nova Déli.** De olho no fim da patente do Ozempic em março de 2026, as farmacêuticas brasileiras Biommm e Amoveri acompanharam a viagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a Nova Déli, na Índia, para firmar acordos de transferência de tecnologia voltados a produção nacional de canetas emagrecedoras.

As companhias participaram da missão com o endosso do Ministro da Saúde. Segundo o ministro Alexandre Padilha, o Brasil precisa dominar a tecnologia para, em seguida, derrubar os preços desses medicamentos e disponibilizá-los à população, uma vez que atuam no tratamento de diversas doenças, como diabetes e obesidade.

"Você ter vários produtores no Brasil, produzindo no Brasil, isso é o que pode permitir e garantir o acesso de fato à população. Então, o principal momento é esse", disse o ministro na capital indiana.

Hoje, no Brasil, uma caixa de Ozempic na dose de entrada para o tratamento, de 0,25 mg, custa cerca de R\$ 1.000.

A Biommm assinou um acordo com a Biocon, enquanto a Amoveri Farma obterá a tecnologia da farmacêutica Syrus.

Com o fim da patente se aproximando, em agosto do ano passado a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) publicou um edital de chamamento em que afirmou que daria prioridade a empresas com pedidos de registro da semaglutida, princípio ativo do Ozempic e do Wegovy, e da liraglutida, princípio ativo do Saxenda.

O objetivo principal é abastecer o mercado brasileiro, uma vez que a agência identificou instabilidade na oferta desses fármacos. O edital também atende a uma solicitação do Ministério da Saúde, que destacou a necessidade de internalização da tecnologia para a fabricação nacional, segundo a Anvisa.

As medidas da pasta em relação às canetas emagrecedoras seguem, conforme Padilha, um debate liderado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) sobre o papel desses medicamentos como aliados no enfrentamento à obesidade, por meio de reduções de preço e estímulo à produção para ampliar o acesso.

O ministro se refere às diretrizes publicadas pela organização em dezembro de 2025 a respeito dos fármacos do tipo GLP-1, tecnologia por trás das canetas. No documento, a entidade afirma que os medicamentos podem ser usados para auxiliar pessoas que vivem com obesidade como parte de uma abordagem que inclui dieta saudável, atividade física e acompanhamento profissional.

O texto destaca ainda a importância do acesso equitativo às terapias e da preparação dos sistemas de saúde para sua utilização.

Além das tratativas para a produção das canetas emagrecedoras, empresários e integrantes do governo brasileiro aproveitaram a viagem a Índia para discutir como diminuir o déficit de insumos, entre eles o IFA (Insumo Farmacêutico Ativo), no Brasil e trazer a tecnologia indiana para a indústria nacional.

Estimativas apontam que o Brasil produz apenas 5% do material que precisa na indústria, tendo a China, líder mundial, e a Índia como principais fontes.

O objetivo é estabelecer transferência de tecnologia para necessidades estratégicas do SUS (Sistema Único de Saúde), como medicamentos, vacinas e biotecnológicos.

Segundo Reginaldo Arcuri, presidente do Grupo Farma Brasil, que representa farmacêuticas, uma das vulnerabilidades que o Brasil tem de enfrentar é a falta de IFAs. "Com esses insumos importados produzidos no Brasil, significa que está produzindo medicamentos de grande qualidade, baratos para os brasileiros", declarou.

"As empresas têm ido sistematicamente à Índia, à China, obviamente também a Europa e aos Estados Unidos, sempre na busca de oferecer aos brasileiros medicamentos cada vez melhores e que ampliem o acesso da população."

O déficit de IFAs foi um dos principais gargalos no Brasil e no mundo durante a pandemia devido a necessidade desses produtos para a fabricação de vacinas contra a Covid. No caso da Coronavac, por exemplo, o insumo era importado da China, deixando o país dependente da disponibilidade da nação asiática para a fabricação dos próprios imunizantes.

Padilha também assinou três parcerias para o desenvolvimento de medicamentos oncológicos para o SUS, em um acordo que pode chegar a R\$10 bilhões de investimento do Ministério da Saúde nos próximos dez anos.

